



Creio que se pode dizer que os problemas postos ao homem através dos tempos são os mesmos e não muitos. O homem mais ou menos civilizado é o mesmo e a sua passagem por este mundo atravessa invariavelmente os mesmos estágios: nascer, viver e morrer. Aqui tem o seu fundamento, suponho eu, a ideia de que a Historia se repete. Isto é tanto assim que os ensinamentos de S. Paulo, por exemplo, escritos para uma sociedade de`àcêrca de dois mil anos são, mutatis mutandis, applicaveis aos problemas cruciais em que se debate a sociedade de hoje. Tem se dito que estamos perante uma das grandes viragens da historia, para uma completa remodelação dos costumes e das instituições, e de todas essas transformações, ha de sair todo o mundo novo.

Desde os Gracos da velha Roma com a sua influencia nas lutas economico-sociais até a Revolução Francesa com a sua Declaração dos Direitos do Homem, que se têm procurado resolver pontos fundamentais das relações sociais dos homens. No fundo sempre o mesmo desejo de procurar construir uma sociedade em bases completamente novas. A-pesar-de tudo sabemos que o exito não tem sido completo. Transformaram-se as formas de estado, as instituições politicas modificaram-se, mas ainda hoje, todos estes problemas continuam:agitados e as duas forças principais que se degladiam, assentam em principios tão opostos que somos levados a considerar não se ter ainda encontrado solução para tais problemas.

Na luta pela vida todas as aspirações do homem se dirigem para o melhoramento da sua situação. Umas vezes a sua situação espiritual, quasi sempre a sua situação material. Procura-se ainda, procurar-se-a talvez sempre, uma vida melhor.

Por isso, têm ainda primacial importancia as chamadas questões sociais,os problemas dos homens nas suas relações uns com os outros.





Modernamente está assente atribuir a Universidade os seguintes três fins primordiais:

- a) ensino das profissões liberais
- b) investigação científica e preparação de futuros investigadores
- c) ensino da cultura geral

que não são, porém, os únicos e podemos dizer que incluída neles está a preparação dos futuros dirigentes, não só das várias actividades privadas, mas também os futuros dirigentes da Nação. Em grande parte a Universidade é responsável pelo desenvolvimento da nacionalidade.

A organização da estrutura social ocupará um lugar emígnito dentro dos problemas a resolver. Com efeito, são do Prof. Salazar as palavras seguintes: "Todo o Estado moderno independentemente da sua facies política vai ser dominado pela preocupação do social, preocupação que ha de certamente traduzir-se em intervenções mais ou menos profundas no domínio económico - propriedade e produção - mas cuja finalidade se cifra em se conseguir melhor distribuição da riqueza produzida e na admissão da generalidade dos indivíduos aos benefícios da civilização." Portanto, continuando, interessa que os futuros dirigentes vão preparados para aquilo que lhes será pedido.

Mas lançemos uma rápida vista de olhos para a sociedade de hoje. Por toda a parte um progresso científico extraordinário. A ciência modelou por completo as nossas vidas. As máquinas diminuem o esforço físico, a alimentação é cuidadosamente calculada, uma série infindável de inovações tornam o trabalho mais fácil e agradável.

A-pesar-dos melhoramentos de toda a espécie, na educação, no modo de vida, na alimentação, na vida intelectual, porquê um mal estar que se respira quasi insensivelmente? Responde-nos Alexis Carrell: "A



civilização moderna encontra-se em má posição porque não nos convem. Ela foi construída sem o conhecimento da nossa verdadeira natureza. Ela deve-se ao capricho das descobertas científicas, dos apetites dos homens, das suas ilusões, das suas teorias e dos seus desejos. Com efeito, é evidente que a ciência não seguiu nenhum plano. Ela desenvolveu-se ao acaso pelos esforços de alguns homens de génio, segundo a forma do seu espírito e do caminho que tomou a sua curiosidade. Ela não foi de modo nenhum inspirada pelo desejo de melhorar o estado dos seres humanos."

O próprio desenvolvimento da indústria tornou o homem esquecido de que é homem dotado de corpo e alma. Bem sei que nas grandes fábricas, nas grandes explorações industriais, há salas de jogos, campos para desportos, bibliotecas, mas a influência que tudo isso pode ter naquele homem cujo o trabalho é puramente mecânico é com certeza diminuta. Durante oito horas por dia ele repete centenas de vezes o mesmo gesto e torna-se necessariamente mecanizado. A divisão do trabalho leva-o a desinteressar-se por completo da obra em si, não a vê depois de pronta não sabe para onde ela vai, basta saber que tem de produzir dois ou três centos de uma determinada peça em cada dia de trabalho. Quer dizer, reduziu-se o homem na maior parte das vezes a um simples factor da produção e nada mais.

A indústria desenvolveu-se sem a preocupação da natureza dos seres humanos que conduzem as máquinas e sem ideia do que pode produzir neles e na sua descendência a vida artificial imposta pela fábrica. Ainda aqui se ignorou a verdadeira natureza humana.

Por isso assistimos a uma mudança de valores. Diz-se, parece que



Fundação Cuidar o Futuro



vulgarmente nos Estados Unidos que um homem vale tantos dollars. Quer dizer, reduz-se o valor do individuo ao rendimento que ele pode dar. Supõe-se que ele não tem dignidade propria, que não tem sentimentos, que não tem <sup>em</sup> fim aquelas qualidades que deve apresentar o ser humano como individuo.

Uma onda de materialismo devia necessariamente afectar qualquer politica social e a solução procurou-se através dum nivelamento material, procurou-se que todos podessem aproveitar os beneficios da civilização. É muito louvavel que assim seja mas não basta, pois estamos constantemente a encontrar causas de atrito onde o problema fundamental não é de maiores ou menores possibilidades materiais mas um problema de formação, um problema a que anda muito ligada a noção dos deveres e das responsabilidades, perante as exigencias.

A crise principal de que sofre a humanidade não é tanto uma crise de maior ou menor igualdade na distribuição das riquezas como uma crise espiritual. Esta crise espiritual diz Gabriel Marcel resulta de estar a produzir-se uma especie de transvaloração macissa ou o que pode chamar-se uma mudança completa do horizonte espiritual.

Porque caminhamos para a criação dum homem artificial a nossa sociedade conhece apenas algumas das <sup>suas</sup> dimensões e o homem tomado no seu significado integral ja não existe para ela. E o Prof. Salazar acentua: "a vida humana tem exigencias multiplas e é de desejar que cada vez tenha mais. Mas nesta via ascendente de necessidades e de riquezas acumuladas não deve esquecer-se que não ha progresso quando a vida é mais rica e só quando é mais alta, mais nobre na sua chama interior e na sua projecção externa. O criterio puramente utilitario a mesquinharía a



Fundação Cuidar o Futuro



vida social e não seria digno do homem."

Pode dizer-se que no ensino universitário se tem desleixado aquilo que chamariamos a formação de uma personalidade intelectual, isto num sentido generico de a circunstância de se frequentar uma Faculdade ter influencia decisiva para a formação dessa personalidade. Bem sabemos que ha ~~é~~, felizmente quem saia da Faculdade com uma forte personalidade mas esses são, creio, os que a teriam quer frequentassem esses institutos de ensino, quer não. Muito menos se poderá dizer que quem sai das Universidades, sai com a formação necessaria para ocupar os cargos de dirigentes que mais cedo ou mais tarde serão confiados. Ha evidentemente quem alegue que a formação se deve adquirir no seio da familia, mas muito embora aí se fixem principios basilares que criem uma tendencia para as acções uteis e boas e uma relutancia para tudo que possa ser prejudicial, é evidente que isso só não chega. Seria necessario que acompanhando o estudo das diversas ciencias, se aprofundassem aqueles principios superiores de Moral que orientassem toda uma linha de conduta. E depois, é claro, posto o problema da moral, quer ~~é~~ dizer, que ha uma moral a orientar as nossas acções o nosso dever é resolver os problemas de acordo com essa moral. Isso contribuiria para a formação de uma mistica de profissão, isto é, a noção de que se vai cumprir uma missão superior e de que se deve adquirir a consciencia dessa missão.

A vida de cada homem na medida em que fôr tomada como exemplo, constitui uma responsabilidade ~~especial~~ social e porque devemos viver para a nossa missão, não é indiferente o uso que vamos fazer das doutrinas e teorias que aprendemos. Não é indiferente pensar se é moral ou imoral o uso de doutrinas apenas para a conquista de determinada posição. O grande valor das doutrinas está sem duvida na medida em que podem ser applicadas na pratica e é quasi criminosa a apologia em publico de teorias





que embora justas, não têm viabilidade de realização. Quantas vezes presenciámos o esquecimento por parte dos governantes de que os seus deveres e responsabilidades são para com todos os cidadãos e por isso ao tentar resolver determinadas questões caem em extremos e pretendendo proterger uns são os outros prejudicados.

Não temos à nossa disposição sociedades humanas, para com elas experimentar, ver as suas reacções, determinar as consequências de esta ou aquela medida e porque estes problemas são duma delicadeza extrema, só um estudo serio nos poderá habilitar a resolvê-los.

Nós catolicos, temos uma doutrina onde se ha-de alicerçar qualquer politica social. Varios pontifices se têm ocupado deste magno problema, mas é necessario que se aprofunde o conhecimento dessa doutrina. Porque bem sabemos que as enciclicas têm por vezes servido para fazer valer determinados pontos de vista, citando-se passagens que podem induzir em erro por apresentarem somente um aspecto da realidade. Encontramos nas Enciclicas um equilibrio tanto mais digno de admiração, quanto maiores são os excessos praticados em nome do equilibrio social. É de harmonia com essa noção de equilibrio que Leão XIII afirma que deve o Estado providenciar ao bem estar de todas as classes visto que a razão formal de toda a sociedade é uma e convem a todos os seus membros grandes e pequenos. A Igreja foca a necessidade de harmonia entre o capital e o trabalho e acentua que o conflito entre eles resulta de erros que é indispensavel corrigir.

É portanto necessario que se encontrem as soluções praticas para doutrina tão magistralmente posta e, talvez dentro de um verdadeiro espirito de investigação se trabalhe nos sentido de conseguir novas orientações e de se estabelecer uma politica equitativa e justa e é à Universidade que cabe uma parte dessa investigação.



Ao iniciar a sua Enciclica Rerum Novarum diz-nos Leão XIII: "O século passado destruiu sem as substituir por cousa alguma, as corporações antigas que eram para os operarios uma protecção " e mais adiante exorta tanto opeparios como patrões a formar associações para que se dê a aproximação das duas classes e diz: "Os nossos antepassados experimentaram por muito tempo a benéfica influencia destas associações. Ao mesmo tempo que os artistas encontravam nelas apreciaveis vantagens, as artes receberam delas novo lustre e nova vida como o proclama grande auqntidade de monumentos. Sendo hoje mais cultas as gerações, mais polidos os costumes, mais numerosas as exigencias da vida quotidiana, é fora de duvida que se não podia deixar de adaptar as associações a estas novas condições."

Diga-se, em abono da verdade, que os proprios Mestres, contribuíram para a ruína das suas corporações, o que não invalida as suas virtudes, quando convenientemente orientadas.

Na Enciclica Quadragesimo Anno Pio XII proclama a utilidade das Associações tanto operarias como não operarias. Também na carta da Sagra-da Congregação do Concilio, ao Bispo de Lille, se acentua a necessidade de se organisarem tanto os sindicatos patronais como operarios, visto que só assim poderá funcionar o sistema corporativo para onde deverão dirigir-se as nosaas aspirações. Salazar explica-nos "O processo da economia materialista todos vemos que valiu, não devemos impelir o Estado para a passividade absoluta que nada tem ou quer ter com a organização da economia nacional, nem para um intervencionismo absorvente regulando ele a produção, a repartição, e o consumo das riquezas. Está -nos portanto vedado esse caminho e eu não vejo outroque não seja substituir os graves erros que têm viciado a visão dos condutores de homens no mundo, por conceitos equilibrados, justos, humanos, de riqueza, de trabalho, de familia, de associação, de Estado."





Parece provado que entre nós não sofreram as corporações dos grandes males que afectaram as grandes corporações alemãs. Os gremios chegaram ao seculo XIX mais cansados e falhos de eniciativa do que corrompidos. e em vez de os reformar, suprimiram-nos, não pelo mal que tivessem feito mas pelo bem que não chegaram a fazer.

Manoilescu demonstra-nos que o corporativismo satisfaz aos imperativos do seculo XX: imperativos de solidariedade nacional, de organização, de paz, de colaboração internacional e de descapitalisação (ou atenuação do capitalismo).

Mais ainda, no sistema corporativo, a economia politica é uma ciencia humana que não pode considerar-se independentemente do estudo da natureza e fins do homem e da ordem normativa da sociedade.

O caminho está portanto traçado, mas é necessario que a Universidade estude e investigue para bem servir o ideal nacional e cristão porque "duma civilisação que regressa cientificamente à selva separa-nos sem remissão os espiritalismo - fonte, alma, vida da nossa Historia".



Carlos M. de Mattos Fagundes  
11/11/1953

## CONCLUSÕES

Precisamos de colaborar para uma restauração de valores através duma reforma interior, espiritual, reaprendendo a distinção entre o verdadeiro e o falso, o justo e o injusto, o bem e o mal.

Se queremos colaborar para uma solução social, temos que adquirir um conhecimento sobre a verdadeira natureza humana para que possamos tomar o homem no seu significado integral e não apenas algumas das suas dimensões. Porque o problema não se reduz <sup>simplesmente</sup> a uma melhor distribuição de riqueza não podemos caminhar apenas para uma crescente especialização e necessitamos além disso, duma visão de conjunto do homem e da sociedade. Para isso interessa a inclusão nos vários cursos de cadeiras de Filosofia, Historia e Sociologia.

Na base de todas as questões sociais, encontramos sempre um problema de educação, das massas e dos dirigentes. O nosso povo vive numa ignorancia verdadeiramente aflitiva. É necessario portanto que as Universidades tomem a iniciativa dum vasto programa de cultura geral.

Verificamos que no nosso país são grandes as tradições do corporativismo. Vimos que a doutrina corporativa está perfeitamente integrada na doutrina da Igreja.

A concepção integralista que está na base da doutrina corporativa assenta na coexistencia de duas realidades com distintos interesses direitos e deveres: a sociedade e a pessoa humana. A pessoa humana tem fins próprios mas esses fins não os pode ela prosseguir e atingir senão em sociedade porque existe em si arreigada a vocação social.

O corporativismo convem-nos. Deve portanto pedir-se à Universidade a sua contribuição para uma boa formação corporativa e conjuntamente o melhor conhecimento da doutrina social da Igreja.



Fundação Cuidar o Futuro